



# Centrão se afasta de Flávio

União Brasil, Republicanos e Podemos ficam neutros e negam nomes para vice — que o pré-candidato do PL anuncia hoje

» LUÍZA ALTOÉ  
» FABIO GRECCHI

Os partidos do Centrão disseram “não” a embarcarem na pré-candidatura de Flávio Bolsonaro à Presidência da República. A federação União Progressista — que reúne Progressistas e União Brasil —, o Republicanos e o Podemos anunciaram ontem a neutralidade, apesar dos esforços do PL para ter uma mulher de uma dessas legendas como vice. A preferência era a senadora Tereza Cristina (PP-MS), que disse aceitar, mas a executiva barrou-lhe a pretensão. Estiveram cotadas também a economista Daniella Marques, filiada ao Republicanos, e a deputada Renata Abreu (SP), presidente do Podemos.

Apesar do isolamento, Flávio pretende anunciar hoje o vice. Mas não adiantou quem será e se escolherá uma mulher para compor a chapa. Nos bastidores do PL, era certo que algumas deputadas federais da legenda abriam mão de disputar a reeleição para embarcar na disputa ao lado do senador.

Essa ideia encontrava a resistência do presidente Valdemar Costa Neto, que trabalha para eleger em outubro uma bancada no Congresso maior do que a atual. Porém, com os “nãos” das legendas do Centrão, aumentaram as chances de Flávio ser mais um candidato de direita a disputar o Palácio do Planalto com chapa “puro-sangue”.

A sequência de negativas a Flávio começou com o União Brasil confirmando a neutralidade, decisão tomada sobretudo por estar federado ao PP — que já decidira pela equidistância em relação ao pré-candidato do PL. “A Federação União Progressista libera seus candidatos e candidatas para apoiarem, em seus estados, os presidentiáveis que melhor se ajustem às articulações regionais e locais”,

Divulgação/União Brasil



Nota assinada por Rueda segue a decisão que havia sido tomada pelo PP

afirmou, por meio de nota, o presidente do partido, Antônio Rueda, após a convenção nacional.

No caso do Republicanos, a neutralidade foi anunciada pelo presidente do partido, deputado Marcos Pereira (SP), depois da convenção nacional, em Brasília. Ele foi categórico. “Não havendo coligação, não haverá candidatura a vice. Ela (Daniella Marques) pode continuar filiada, pode ser uma militante e contribuir. É uma pessoa extremamente competente na área econômica e administrativa. Só que não será desta vez que ela será candidata a vice”, anunciou. A

economista se filiou à legenda da Igreja Universal do Reino de Deus, comandada pelo bispo Edir Macedo, em abril e não é vista pelos chefes religiosos e demais caciques como um quadro orgânico do Republicanos.

Ao anunciar a neutralidade, o partido não se compromete exclusivamente com um candidato à Presidência. Segundo Pereira, a decisão reflete o desejo de 17 diretórios estaduais contra nove que gostariam de apoiar Flávio. Questionado sobre a possibilidade de mudança de posição em um eventual segundo

Divulgação/Podemos



Renata anunciou a neutralidade em vídeo postado no site do partido

turno, o presidente do Republicanos garantiu que as coligações são “para a eleição inteira”.

Em relação ao Podemos, Renata Abreu anunciou a neutralidade ao publicar um vídeo. “Respeitamos todas as candidaturas. E respeitamos também a diversidade de opiniões que existe dentro do nosso partido. Preservar essa unidade sem abrir mão dos nossos princípios é parte da nossa identidade”, diz trecho do pronunciamento da presidente do partido.

Apesar das negativas, em evento promovido pelo site O Antagonista e pela G4 Business, também

ontem, Flávio afirmou que buscará “até o último minuto” o apoio nacional do Centrão para também garantir maior tempo de televisão. “Os caciques políticos estão com preocupações, mas os principais quadros desses partidos estão com a gente”, acredita, citando o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), os senadores Cleitinho Azevedo (Republicanos), Dameres Alves (Republicanos) e Tereza Cristina (PP), além dos deputados federais Guilherme Derrite (PP) e Simone Marquette (PP). “Temos 22 palanques fechados”, calcula.

## Girão é o vice de Zema

O senador Eduardo Girão (CE) será o vice da chapa do Novo à Presidência, encabeçada por Romeu Zema, ex-governador de Minas Gerais. É mais uma candidatura pelo espectro da direita a disputar com uma chapa “puro-sangue” — a outra é a do PSD, que tem o ex-governador de Goiás, Ronaldo Caiado, ao lado de Gilberto Kassab.

Para ocupar a função, Girão desiste da candidatura ao governo do Ceará. Segundo a pesquisa Quaest divulgada em 30 de julho, o senador estava em terceiro lugar e contava apenas com 3% das intenções de voto, perdendo para Elmano de Freitas (PT), com 33%, e para Ciro Gomes (PSDB), que lidera as pesquisas com 43% dos votos do estado. Ciro conta com o apoio do PL no estado, enquanto Girão contava com o apoio da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL).

“Após tratativas internas, Zema e o presidente do Partido Novo, Eduardo Ribeiro, concluíram que Girão é a melhor opção para caminhar em busca de um Brasil melhor”, afirmou o Novo em nota.

Girão fecha o mandato de senador neste ano. Eleito em 2018, é o único representante do Novo no Senado, partido ao qual está filiado desde 2023. Ficou conhecido pela defesa de pautas conservadoras e alinhamento com o bolsonarismo, criticando o governo federal e defendendo principalmente o impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

O Novo chegou a conversar com outros partidos, como o Podemos, sobre alianças, mas nada obteve. O ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa esteve cotado por Zema como vice. **(Luíza Altoé)**

# Cleitinho, agora, quer governo

» DANANDRA ROCHA

Depois de anunciar na segunda-feira, emocionado, que não disputaria o governo de Minas Gerais, o senador Cleitinho (Republicanos-MG) voltou atrás. Ontem, ele mudou o discurso na convenção nacional do partido, ao afirmar que não pretende abrir mão da disputa e pedir que o comando da legenda mantenha seu nome.

“Que o presidente me dê essa vaga, porque não vou decepcionar o povo mineiro. Vou ter coragem e vou pedir ao Espírito Santo para me fortalecer. Tenho certeza de que, com a força do Espírito Santo, vou conseguir fazer essa campanha. Com meu pai e meu irmão

lá em cima, eles vão me ajudar. E o povo de Minas vai me carregar, porque 40% do povo me quer, e não vou decepcionar esse povo”, garantiu, diante de dirigentes da legenda.

Na segunda-feira, Cleitinho apareceu ao lado de Marcos Pereira e de Euclydes Pettersen, respectivamente presidentes nacional e estadual do Republicanos, para anunciar que não seria candidato. Chorou e afirmou que ainda não conseguia superar a perda do irmão, vítima de leucemia. No mesmo pronunciamento, Pereira afirmou que a decisão era do próprio senador e ressaltou que o Republicanos havia esgotado todas as tentativas para viabilizar a candidatura.

Mas, horas depois, Cleitinho

deu indicações de que recuaria. Em coletiva ao lado do irmão, Gleidson Azevedo, afirmou que gravou o vídeo de desistência num momento de dúvida e que mudou de ideia após conversar com parentes.

“Gravei porque, naquele momento, estava em dúvida. Na hora que fiz, liguei para meus irmãos. Eles disseram: ‘Continua como candidato que a gente vai te apoiar’. Aí, pedi para o Marcos Pereira não soltar o vídeo, mas ele já tinha ido para a reunião. Depois, ele pegou e soltou o vídeo”, acusou.

Segundo o senador, a proximidade do fim do prazo das convenções partidárias — que acaba hoje — também contribuiu para o anúncio da desistência. Cleitinho

afirmou que pretendia conversar novamente com Marcos Pereira para tentar reverter a situação. Ainda assim, reconheceu que a decisão final cabe ao comando nacional do Republicanos.

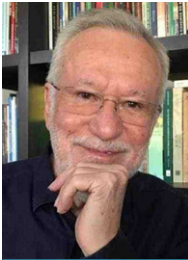
Apesar da tentativa de reverter o cenário, Marcos Pereira considera o assunto encerrado. Após a convenção nacional, o presidente do Republicanos defendeu a decisão da executiva nacional.

“Não podemos submeter o povo de Minas a uma situação de insegurança e instabilidade. Então, a decisão está tomada. O que disse, está dito. E não tenho mais nada para falar sobre o assunto. Para mim, esse tema é página virada”, avisou. **(Com Luíza Altoé)**

Reprodução de vídeo/Redes sociais



Senador disse que houve precipitação em anunciar desistência



ALEXANDRE GARCIA

**O PRESIDENTE DEPENDE DO CONGRESSO E DOS GOVERNADORES, POIS A REPÚBLICA BRASILEIRA É FEDERATIVA — PELO MENOS TEORICAMENTE. ASSIM, NÃO BASTA ELEGER O PRESIDENTE. É PRECISO ESCOLHER BEM OS DOIS SENADORES E O DEPUTADO FEDERAL**

## Soberanos e mandantes

As portas das convenções partidárias estão sendo fechadas e os candidatos estão escolhidos. Está a sorte lançada? Não! Os partidos apenas nos oferecem os candidatos, nós é que lançamos a nossa sorte nas urnas, em outubro. A Constituição chama isso de soberania popular no art. 14: “A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos.”

Estamos nós, eleitores, preparados para exercer nossa soberania? As pesquisas, na manifestação espontânea, mostram que um entre

quatro ou um entre três brasileiros não estão interessados na eleição que vai decidir seu futuro, o de sua família, de sua renda, de sua segurança, de sua saúde, do ensino de seus filhos, do tipo de representante a fazer leis e fiscalizar os demais poderes, do grau de justiça. Enfim, dos serviços que os servidores do público, com ou sem mandato, irão prestar à nação soberana. Os partidos não estão dando motivos para o povo se interessar por questões básicas do bem comum.

Já mostrei aqui que se projetarmos para este ano os números

da eleição geral de 2022, 40 milhões de brasileiros aptos a votar estarão deixando para os outros 118 milhões decidirem o futuro de todos. Apelo especialmente para meus contemporâneos idosos, com mais de 70 anos, para os quais o voto é facultativo. Participem das decisões de seu futuro, não desistam. Somos quase 20 milhões e somos a camada mais experiente do eleitorado brasileiro. Em qualquer comunidade bem formada e sábia, somos os seniores, os que mais testemunharam os erros e acertos

da política e da vida. Os eleitores mais jovens têm ainda mais razões para votar, pois têm muitos anos pela frente, muitos planos que dependem dos caminhos do Estado brasileiro. Muitos sonhos que podem virar pesadelo.

Por exemplo: o ano que vem, na economia, já está perdido, seja qual for o eleito. O Estado brasileiro deve mais de R\$ 10 trilhões e paga juros fantásticos de R\$ 1 trilhão por ano, o que, por sua vez, impede que os juros baixem, porque é o governo que paga juros altos para tomar mais empréstimo. Gasta demais, muito além do que arrecada, e já não pode arrecadar mais, porque ninguém mais aguenta tanto imposto. O pagador

de impostos ou passa a sonegar, ou desestimula a produção para pagar menos imposto, ou se muda para o Paraguai.

Quem quiser corrigir isso com austeridade fiscal, cortes, privatizações, redução do tamanho do Estado, se souber fazer, vai conseguir aliviar o país só no segundo semestre de 2028. Por isso, cada candidato a presidente da República precisa desde já informar o que vai fazer e com quem na equipe ministerial.

É bom saber que um presidente nada faz se estiver só. Jânio Quadros me disse que renunciou porque sentiu que não poderia governar apenas com seus eleitores. O presidente depende do Congresso

e dos governadores, pois a República brasileira é federativa — pelo menos teoricamente. Assim, não basta eleger o presidente. É preciso escolher bem os dois senadores e o deputado federal. E como o que interessa é o lugar onde se mora e onde se aufera renda, é preciso eleger também a melhor escolha local. E jamais esquecer que somos soberanos, ainda que a ministra Cármen Lúcia se queixe de que somos “213 milhões de pequenos tiranos soberanos”. Ela e todos os integrantes do Estado brasileiro são servidores do público.

E os que nós vamos eleger serão nossos mandatários — e nós, os mandantes. Esse é o tamanho das nossas decisões na urna.